

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): GUSTAVO SOUZA SANTOS

#VEMPRARUA: as territorialidades das jornadas de junho

Introdução

Em junho de 2013, o Movimento Passe Livre - movimento de ativismo e discussão em torno do transporte público paulista - e uma coesão de jovens usaram importantes vias paulistanas para protestarem contra o aumento da tarifa do transporte público. Entretanto, a ocupação das ruas ampliou seu escopo e agremiou um grande espectro de adeptos em todo o país que fizeram das ruas o eixo para uma série de reivindicações tocantes a temas sociais, políticos e cotidianos.

O movimento ampliado agarrou-se à etiqueta de “O gigante acordou”, uma alusão ao país “gigante” que acordara para construir uma realidade melhor de vida para todo o povo. O movimento de protestos congregou sentimentos nacionais de desejo de mudança dos paradigmas sociais e políticos do país. A sintonia é ampla. Nos últimos anos, a Primavera Árabe, o Occupy Wall Street e outros cenários tiveram ressonância precedente ao caso aqui abordado, tendo a profusão de práticas socioespaciais, ciberativismo e pulsos territoriais como chancela.

A apropriação das ruas, os devires coletivizados, a integração identitária, as tramas de comunicação de difusão e transmissão de mensagens e o arranjo de um movimento de base ciberativista se concatenam na emergência de uma territorialidade expressiva. Territorialidade (i)material e palco de reconfigurações socioespaciais e políticas, na qual se presta o esforço desta análise. Assim, objetiva-se aqui analisar a produção de territorialidades a partir das manifestações brasileiras de junho de 2013.

Material e métodos

Trata-se um estudo descritivo, qualitativo e sob a modalidade de estudo de caso das jornadas de junho de 2013. A pesquisa teve por fonte de dados os 3 jornais de maior cobertura brasileira no período do evento em questão (2012/2013), conforme auditoria do Instituto Verificador da Comunicação (ICV): Folha de S. Paulo, O Globo e Estadão. Foram analisadas notícias do período de junho de 2013 sob a técnica de análise de conteúdo.

Resultados e Discussão

Os processos cotidianos com seus problemas e implicações da vida em sociedade, o que incluem os desafios de ordem capitalista, os arquétipos culturais que dele pendem e toda a sorte de contrários verificados nessa ordem, inclinam os sujeitos e as coletividades a um itinerário de ação, no qual explicações e reparos são demandados pelos agentes sociais para que este ordenamento permaneça em ordeiro funcionamento, concorda Saquet [1].

As manifestações de 2013 estão inscritas nesse processo. Antes de constituírem um evento-fenômeno de todo o território brasileiro, seu pulso assistiu os desdobramentos exteriores de insurgência, indignação e esperança que tomaram a Europa, América do Norte e o Oriente Médio. Das narrativas de insurgência primaveril árabe aos módulos de ocupação (i)material de Wall Street até as conjunturas dos ativismos on-line de Julian Assange. Houve uma trajetória de balizamento de práticas socioespaciais de expressão sociopolítica pelo globo.

A eclosão de eventos simultâneos pelo mundo parecia uma onda contagiosa de protestos, enredadas e vinculados por suas próprias dinâmicas sociais e históricas, mas alinhavadas por similaridades de progressão, combate e pulso solidário [2]. Ainda que sem uma identidade orgânica, a epidemia de insurgência parecia se conectar por laços, nós e tramas comuns de expressão sociopolítica, apropriação espacial e práticas reivindicatórias com proclamações cabais de desejo de reforma: melhores condições ante a uma crise endêmica de ordem econômica e política.

As chamadas de indignação e movimentação popular chegaram ao Brasil, inicialmente sob a alcunha aparentemente particularizada do Movimento Passe Livre nos cenários metropolitanos de São Paulo. Aparentemente particularizada porque o palco dos protestos eram as lutas pelo transporte público, tendo na retórica o direito universal à mobilidade e ao transporte público em contraste à configuração limítrofe dos grandes centros urbanos expandidos, calcados por ingerência pública e outros problemas de natureza urbana.

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

O escopo do movimento era pontual. Entretanto, sua base já comportava o germe da revolução, do conclave expresso. Não se ater aos centavos de aumento da tarifa era o estopim por uma luta por direitos, ou menos, por melhores condições de vida, por um projeto futuro mais promissor e esperançoso para uma parcela cidadã que o via sob arrefecimento e esvaimento. Aos poucos, o movimento ganha as ruas e a adesão paulista e o eco de toda uma nação unida em consciência, solidariedade e engajamento. Um despertar? Um levantar. Como proclamaram: o gigante acordou.

O gigante subjugado venceu os fios que o prendiam. Fios de precárias ações públicas, fios de uma política de ganhos, de carreiras e espetáculos, fios de má representação, fios de desatenção política, fios de enfraquecimento de uma cultura sociopolítica, fios de problemas estruturais e de gestão, fios que compunham um emaranhado onde os contrários de uma nação emergente se tornavam alçozes imperativos e sistêmicos. Mas em seu despertar, um estalo, um recobrar da visão, a restauração da voz, o reanimar dos passos e um convite: vem para a rua.

Ora, a territorialização é desencadeada pelos processos de apropriação concreta ou simbólica do espaço [1]. No convite à rua, a ocupação do espaço urbano e público funcionou como uma corrente sanguínea em plena irrigação ou como os impulsos nervosos em profusão comunicante e ramificados pelo corpo territorial do país. Pés nas ruas, percursos coletivizados, vozes, clamores e um sentido de pertença que rompia a localização material e se elevava a uma localização basal, situada e em sinergia às demais cidades e cantos do país.

No espaço ocupado e apropriado é que toda sorte de relações sociais se movem e produzem o território e suas territorialidades [1]. No movimento de passe livre ampliado, se ajuntaram os matizes e os contornos específicos da crescente e diversificada iminência nacional. Seus problemas, suas contradições, desigualdades, sua história, introjetaram uma sinergia comum a constituir os passos do gigante adormecido e que passava a, finalmente, se movimentar.

O gigante, no imaginário popular, acordou. Acordou naquele momento, o que parece indicar o despertar não apenas de uma consciência convidativa à luta, mas um movimento memorial mais intrincado e concatenado com o passado. O nutriente advindo da memória de experiências e expectativas antepassadas desencadeou uma força messiânica [3], de resgate do passado e compromisso com os legados e cada linha escrita anteriormente e que precisavam de desagravo no presente, com vistas a um futuro mais otimista.

No despertar evocado pela memória, pode-se inferir que os novos passos do gigante indicam a gestação ou a restauração de uma nova consciência politizada, isto é, uma cultura política, por si, mas reelaborada, reorientada com os símbolos e tramas que a atualidade podem fornecer do tempo, do espaço e dos sujeitos. Uma cultura em formação, pouco consistente, visto que em todos os movimentos, não apenas o brasileiro - mas estendendo à Europa, África, Oriente Médio e Américas -, prescindiram de uma organização e sistematização definida sobre o que as rupturas e transformações representariam e se tornariam em um a posteriori [2, 4].

Erigeu-se assim uma territorialidade fruto de dinâmicas espaciais e relacionais marcada por uma agenda sociopolítica. Particularizada nos clamores ao mesmo tempo situacionais e nacionais, e universalizada nos objetos e finalidades fundamentais a tocar sujeitos e sociedade. A territorialidade das manifestações de junho de 2013 efetivaram-se com um aspecto múltiplo e de forte disseminação inter-relacionada. Isso, por um movimento de enredamento de suas perspectivas, tornando o território nacional uma malha intercomunicante e reticulada.

Nessa malha intercomunicante e reticulada, fixos e fluxos se arrolam num reclame às relações de poder, afinal os territórios são, per si, entre outras questões, espaços de governanças. No território, as dimensões política e econômica são características, de maneira histórica e transescalar [1]. Tal prospecto conferiram à territorialidade uma das manifestações de 2013 um palco para a efetivação de frentes de contrapoder, demonstrando ao mesmo tempo o potencial ativo da territorialidade, o potencial reativo dos cidadãos e as possibilidades construtivas e participativas de mudança dos roteiros de governança e governabilidade.

No arremate da agenda do ativismo que ocupou as ruas brasileiras, estão aspectos de tônica social, econômica e política. Aspectos que são marcadores fontais do território, marcado pelas contradições, disputas e reconfigurações. Isto é, o território é um signo de disputas e de manufatura do poder, é uma enseada relacional onde o poder é cadente e constitutivo de uma lógica de ordenamento e progressão do espaço. Nesse ínterim, a territorialidade do gigante desperto é simultaneamente produção espaçotemporal do território e projeção constitutiva da realidade territorial.

Um aspecto não olvidável do caso em questão é seu desenvolvimento reticulado. Desta vez, não apenas numa concepção convencional de redes e territorialidades humanas. As manifestações de 2013, assim como suas irmãs globais,

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

foram tonificadas por operações e performances on-line. O uso de redes sociais e tecnologias de informação e comunicação constituíram insumos, recursos e uma indumentária fundamental para a ebulição do movimento popular, sua coesão e sua emancipação. Em uma medida de concatenamento, mas também de efetivação, posto que as práticas desenvolvidas nas vias do ciberespaço foram importantes para furar a cobertura midiática e as instituições de poder.

O dito de Lévy [5] de que o ciberespaço é o lugar onde a humanidade funciona hoje nunca se tornou tão expressivo e aplicado. O gigante acordou sob fluxos e influxos amplificadas pelo ciberespaço e que se refletiram como da virtualidade para a realidade off-line. As redes são partícipes da produção e da identidade territorial e, assim, no bojo das manifestações sua interlocução não apenas acrescentou um tônus moderno aos movimentos, mas consistiu uma mola integradora de seu funcionamento.

Lefebvre [6] caracterizava práticas espaciais como performances radicadas no espaço envolvendo a realidade cotidiana e a representação do espaço com os símbolos, vivências e imagens que o acompanham. Diante dos cenários das territorialidades das manifestações de 2013, do ciberativismo e dos movimentos sociais na sociedade da informação, tais performances se ressignificam, dotando os sujeitos e coletividades de uma nova compreensão do espaço e de um uso renovado deste, originando novos processos e dinâmicas socioespaciais.

Junho de 2013, bem como os movimentos de todo o mundo desde 2011, podem ser agremiados nessa ressignificação das práticas espaciais lefebvrianas, alinhavadas na contemporaneidade pelas redes, fluxos, informação e comunicação, gestando novas performances socioespaciais. A novidade se pauta em uma renovação da produção do espaço diante de novos objetos e símbolos contemporâneos (como os produtos do ciberespaço, a cibercultura, o ciberativismo e a internet per se). Essa renovação inclui as contradições sociais, a tecnificação da vida, a apropriação e uso do espaço e a práxis cotidiana [1].

Considerações finais

Apontou-se a efetivação de uma territorialidade das manifestações por meio do acompanhamento de suas partes constituintes, desde a apropriação do espaço, aos efeitos da memória e a geração de performances socioespaciais agremiadas sob agendas de natureza sociopolítica, caracterizadas por uma transescalaridade e por forças de contrapoder. Elevou-se a análise à dimensão dos territórios informacionais e do préstimo do ciberespaço, a produzir novas searas de ação e de reflectância on-line e off-line.

Acredita-se que a produção contemporânea do espaço deva considerar o surgimento de novos objetos, símbolos, imagens e práticas socioespaciais, como o ciberespaço, a cibercultura e o ciberativismo, bem como o exercício e o uso do espaço. Considerando a fluidez e a velocidade os cenários ligados à sociedade da informação, tais cenários podem ser fugidios e, portanto, necessitam de investigações contínuas sobre sua dimensão, constituição e implicações significativas. Por fim, território e territorialidades são evidenciados como lócus de processos e dinâmicas contemporâneas, implicando novos olhares à categoria e ao conceito e sua associação a novos fenômenos, objetos e eventos.

Referências

- [1] SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções do território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- [2] CARNEIRO, H. S. Rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, D. *et al.* **Occupy**. Movimentos de protesto que tomaram as ruas. Tradução de João Alexandre Peschanski *et al.* São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012.
- [3] BRANDÃO, C. R. A primeira. Walter Benjamin. A dívida solidária com o passado. In: _____. **Memória Sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. São Paulo: Cone Sul; Uberaba: Editora Uniube, 1998. p. 27-34..
- [4] HARVEY, D. *et al.* **Occupy**. Movimentos de protesto que tomaram as ruas. Tradução de João Alexandre Peschanski *et al.* São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012.
- [5] LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 2000.
- [6] LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Tradução de D. Nicholson-Smith. Oxford: Basil Blackwell, 1991.